

A ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet’ como fonte para os estudos linguísticos sobre o pt-Cl: um estudo exploratório

The ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet’ as a Source for Linguistic Research on Classical Portuguese: an Exploratory Study

Elena Lombardo*

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Resumo: Este artigo analisa a variação linguística em três testemunhos (M, L₁ e E) da ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião’ (CXMM), um texto historiográfico de finais do século XVI. O estudo insere-se no âmbito do ‘Projeto Sebástica Manuscrita’ (PSM), que visa, entre outros objetivos, a constituição de um *corpus* para o estudo do Português Clássico (pt-Cl). A análise revelou tanto fenómenos já documentados na bibliografia de Linguística Histórica como possíveis novos caminhos para o estudo da mudança linguística no pt-Cl. Os resultados sugerem que a CXMM, pela amplitude da variação linguística observada, constitui uma fonte adequada para estudos diacrónicos. No que toca à caracterização dos testemunhos, o estudo confirmou que os testemunhos mais antigos (M e L₁) preservam traços linguísticos mais arcaicos, enquanto o testemunho mais recente (E) inova na maioria dos aspetos analisados. A presença sistemática de castelhanismos em M, ademais, corrobora hipóteses sobre o seu contexto de cópia apresentadas em Lombardo (2025). O estudo reforça, assim, a relevância do *corpus* idealizado pelo PSM para aprofundar o conhecimento sobre a mudança linguística no pt-Cl, sublinhando a necessidade de análises que integrem tanto lições variantes quanto não variantes.

Palavras-Chave: Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’El-Rey D. Sebastião. Português Clássico. História da língua portuguesa. Análise de variantes. Linguística Histórica.

Abstract: This article analyses linguistic variation in three witnesses (M, L₁, and E) of the ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião’ (CXMM), a historiographical text from the late 16th century. The study is part of the ‘Projeto Sebástica Manuscrita’ (PSM), which aims, among other objectives, to create a *corpus* for the study of Classical Portuguese (Pt-Cl). The analysis revealed both phenomena already documented in historical linguistics literature and potential new directions for studying linguistic change in Pt-Cl. The results suggest that CXMM, due to the breadth of linguistic variation observed, is a suitable source for diachronic studies. Regarding the characterization of the witnesses, the study confirmed that the older witnesses (M and L₁) preserve more archaic linguistic features, while the most recent witness (E) innovates in most of the aspects analysed. Furthermore, the systematic presence of Castilianisms in M supports hypotheses about its copying context, as proposed in Lombardo (2025). This study thus reinforces the relevance of the *corpus* envisioned by PSM in deepening our understanding of linguistic change in Pt-Cl, highlighting the need for analyses that integrate both variant and non-variant readings.

Keywords: Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’El-Rey D. Sebastião. Classical Portuguese. History of the Portuguese language. Variants analysis. Historical Linguistics.

* Colaboradora do Centro de Linguística, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal; elenalombardo@edu.ulisboa.pt

1 INTRODUÇÃO

Em 1996, num trabalho em que abordava o estado dos conhecimentos acerca do Português Clássico¹ (pt-Cl), Ivo Castro comentava:

[e]m relação ao Português clássico, em especial dos séculos XVII e XVIII [...], quem o quiser estudar tem de se resignar a fazer de cabouqueiro, desenterrando penosamente os seus documentos, peneirando os dados, organizando uma taxinomia inexistente e, se ainda tiver coragem e tempo de vida, formulando hipóteses interpretativas que ficarão à espera de um debate crítico só possível se outros investigadores se transviarem pelos mesmos terrenos (Castro, 1996, p. 2).

Desde então, diversos estudos – sobretudo no Brasil, embora não só – foram dedicados a aspetos específicos do português dos séculos XVI, XVII e XVIII². Apesar disso, continua a sentir-se a falta de uma descrição na medida do possível exaustiva dos fenómenos linguísticos em processo de mudança ao longo deste período³ – dito de outra maneira, continua ainda por propor uma **História do Português Clássico**.

Uma das causas deste problema reside, como também já notava o próprio Ivo Castro (Castro, 1996), na falta de um *corpus* temático especificamente composto por textos manuscritos deste período, editados conforme critérios apropriados à análise linguística. É verdade que existem diversos *corpora* que incluem, entre outros, textos dos séculos XVI, XVII e XVIII, como o ‘Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese’ (Galves; Andrade; Faria, 2017), o *corpus* do projeto ‘Post Scriptum’ (Marquilhas, 2014), o ‘Conjunto 2’ do CE-DOH (Carneiro; Lacerda, s.d.) ou o *corpus* mínimo manuscrito do ‘Projeto para a História do Português Paulista’ (Simões, Kewitz; Castilho, 2011). Todavia, até recentemente, ainda não tinha sido proposto um *corpus* do Português Clássico – um *corpus* constituído **exclusivamente** por textos **manuscritos** deste período⁴.

Partindo destes pressupostos, o ‘Projeto Sebástica Manuscrita’, doravante PSM⁵, (Lombardo; Moreira, 2019) tem, entre os seus objetivos principais, o de promover uma abordagem sistemática para colmatar esta lacuna. Para isto, propõe-se (i) reunir e

¹ Neste trabalho, utilizo a expressão ‘Português Clássico’ para designar o período da História da língua portuguesa compreendido entre finais do século XVI e o início do século XVIII (veja-se Castro, 1999 e 2006). Reconheço que a definição de limites cronológicos é objeto de debate na História da língua e que eventuais propostas de revisão e/ou refinamento da periodização poderão decorrer de investigações desenvolvidas a partir do *corpus* aqui apresentado; no entanto, tal reflexão não constitui o objetivo específico do presente artigo.

² Uma primeira síntese da produção sobre o Português Seiscentista, embora já datada, poderá ser consultada em Verdelho (1997). Como exemplo de um trabalho de carácter abrangente sobre a língua deste período, cito aqui o minucioso estudo de Maria Clara Paixão de Sousa (2004) dedicado à sintaxe do Português Seiscentista.

³ Veja-se a breve resenha apresentada em Castro (1996) ou a sumária descrição em Martins e Carrilho (2016).

⁴ Algumas observações iniciais sobre o estado da questão podem ser consultadas em Lombardo e Moreira (2019) e Lombardo (2025). Uma análise comparativa mais detalhada das características dos *corpora* existentes em relação ao *corpus* aqui proposto não constitui o foco deste artigo, encontrando-se em preparação para ser publicada em momento oportuno.

⁵ O site do projeto pode ser consultado em <http://teitok.clul.ul.pt/psm/index.php?action=home>.

sistematizar os dados relativos às tradições manuscritas de textos historiográficos sobre D. Sebastião (1554-1578) – crônicas, relações e memórias – escritos, em língua portuguesa, por contemporâneos do rei; (ii) realizar edições semidiplomáticas digitais de todos os testemunhos dos textos catalogados e (iii) anotá-las do ponto de vista linguístico.

A transmissão manuscrita destes textos ocorreu prevalentemente entre os séculos XVI e XVIII, correspondendo, assim, ao período do Português Clássico. Para além disto, as crônicas são, em geral, textos especialmente adequados para estudos linguísticos diacrónicos⁶. De facto, estes textos são frequentemente transmitidos por diversos manuscritos, o que permite estudar a variação diacrónica através da análise de variantes entre diferentes testemunhos de um mesmo texto⁷. Para além disto, são textos habitualmente extensos, o que permite observar, num único testemunho, múltiplas ocorrências de um fenómeno específico, contribuindo para a sua caracterização e para a formulação de hipóteses sobre a mudança linguística. Assim, ao reunir e editar este conjunto de textos, o PSM ambiciona constituir um *corpus* que se diferencie dos já existentes, não apenas pelo recorte temporal e pela tipologia e homogeneidade temática dos textos incluídos, mas também pela particularidade de integrar diversos manuscritos de um mesmo texto, permitindo, assim, uma abordagem mais sistemática do estudo do Português Clássico.

Neste contexto, a primeira crónica objeto de edição foi a ‘Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d’el-Rey D. Sebastião’, doravante CXMM, um texto historiográfico de finais de 1500 sobre a segunda Jornada de África de D. Sebastião (1578). Conhecem-se dele, atualmente, nove testemunhos: o COD. 13282 da Biblioteca Nacional de Portugal, doravante, BNP, (identificado pela sigla L₁); o MSS. 2422 da Biblioteca Nacional de Espanha (M); o códice CIII/1-14 da Biblioteca Pública de Évora (E); o manuscrito avulso 54-X-10 num. 156 da Biblioteca da Ajuda, doravante BA, (A₁); o códice 49-XII-1 da BA (A₂); o códice 49-XI-75 da BA (A₃); o códice 49-XI-77 da BA (A₄); o códice A.T./L. 57 da BNP (L₂); o códice Casa Palmela, liv. 210 da Torre do Tombo (T)⁸.

Em Lombardo (2025), foi disponibilizado um estudo da transmissão manuscrita deste texto e a versão 1.0 da sua edição digital. O estudo concluiu que E transmite uma versão inicial do texto (conhecida como ‘Historia da Jornada Del Rey Dom Sebastião a Africa causa, e successos lastimosos della’), que se encontra resumida e refundida em M e L₁. Estes dois testemunhos transmitem uma versão intitulada ‘Sumário de todas as cousas sucedidas, em Berberia, desde que começou a reinar o Xarife Mulei Mahamet no ano de 1573 até o fim do ano da sua morte 1578...’ e foram copiados de um mesmo antígrafo, hoje desconhecido (σ). Os demais testemunhos (A₁, A₂, A₃, A₄,

⁶ Tal como argumentaram, por exemplo, Brocardo (1994, entre muitos outros trabalhos) e Lombardo *et al.* (2013). Estas autoras refletiram explicitamente sobre a utilização das crônicas como fontes para estudos de História da língua; são muitos, de qualquer forma, os estudiosos que recorreram a este tipo de textos para as suas análises linguísticas.

⁷ É de comum conhecimento, especialmente nos estudos de Crítica Textual, que uma das manifestações da variação típica da transmissão manuscrita de um texto é a atualização linguística do antígrafo realizada, mais ou menos conscientemente, pelo copista.

⁸ O testemunho T foi identificado muito recentemente e ainda não foi trazido ao conhecimento do público. Deixo aqui apenas uma menção à sua existência, estando previsto para breve um estudo aprofundado das suas características codicológicas e textuais.

L₂)⁹ transmitem uma segunda refundição (convencionalmente designada como ‘a versão das memórias’), que se distancia nitidamente das duas versões anteriores em termos de redação e de objetivos narrativos. Do ponto de vista estemático, os manuscritos deste grupo organizam-se em três ramos: o primeiro agrupa A₁ e A₃, sem que seja possível determinar com precisão se A₃ serviu de modelo para a cópia de A₁ ou se ambos derivam de um antecedente comum; ao segundo ramo pertencem A₄ e L₂, copiados do mesmo antígrafo hoje desconhecido (μ_3); o terceiro ramo corresponde a A₂, que representa, inclusive, uma ulterior reformulação da ‘versão das memórias’.

A edição digital é constituída pela edição semidiplomática com anotação informacional de todos os testemunhos conhecidos até 2024, elaborada em XML-TEI e disponibilizada através da plataforma TEITOK¹⁰. A anotação morfossintática das edições, que permitirá aprofundar o estudo linguístico dos testemunhos, está atualmente dependente de um estudo de métodos de anotação que prescindam da ‘normalização’ do texto¹¹.

Posto isto, nos próximos parágrafos, apresento uma análise das variantes linguísticas encontradas nos testemunhos M, L₁ e E (respetivamente, BNE MSS. 2422, BNP COD. 13282 e BPE CIII/1-14)¹², com o objetivo de evidenciar alguns dos

⁹ Acrescente-se a este grupo, desde já, também o testemunho T.

¹⁰ TEITOK é uma ferramenta do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, desenvolvida por Marteen Janssen (2016), para a edição e visualização de textos codificados em XML-TEI. Integra o padrão TEI com funcionalidades que facilitam o trabalho com *corpora* textuais. Para eventuais aprofundamentos sobre este tema, remete-se para Lombardo (2025).

¹¹ Sucintamente, com o termo ‘normalização’ em TEITOK indica-se o processo pelo qual a cada palavra é atribuída uma forma uniformizada, que pode coincidir com a sua forma modernizada, ou com a forma gráfica mais recorrente no testemunho em questão, ou, ainda, com a forma gráfica preconizada pelas gramáticas e/ou dicionários da época em que foi copiado o testemunho. Note-se que a forma normalizada poderá não coincidir com o lema da palavra, sobretudo no caso dos verbos. Tendo em conta que a anotação morfossintática em TEITOK é feita de forma semiautomática por meio da ferramenta NeoTag (Janssen, 2012), a normalização visa reduzir a variação gráfica existente no texto, assim aumentando a precisão do anotador linguístico. Ao trabalhar sobre formas normalizadas, de facto, existem maiores probabilidades de a ferramenta atribuir à palavra o lema correspondente e, consequentemente, a correta classificação morfossintática e a etiqueta POS adequada. Em TEITOK, a normalização pode ser feita em HTML, em XML ou de forma semiautomática. Os dois primeiros processos (manuais) são extremamente longos e dispendiosos. Quanto à possibilidade de normalizar a grafia de forma automática, não encontrei documentação relativa a este *script*, exceto uma menção num artigo de Calderón Campos (2019), que indica que os resultados da aplicação do normalizador dependem em grande medida da constituição do *corpus* de base. Assim, num projeto que tenha por objetivo a disponibilização de edições conservadoras, a normalização constitui uma etapa adicional (e indesejada) de trabalho. Ora, embora a normalização não seja considerada uma etapa obrigatória, verifica-se que, nos projetos desenvolvidos em TEITOK, tornou-se uma prática recorrente (*cf.*, por exemplo, o já referido projeto ‘Post Scriptum’ ou o *corpus* ‘Oralia Diacrónica del Español’). No entanto, não conheço estudos sobre a precisão de NeoTag com textos não normalizados. Recentemente, Bico *et al.* (2022) propuseram a implementação de métodos de lematização semiautomática de edições semidiplomáticas do ‘*Corpus* de Textos Antigos’ (textos até 1525), também alojado em TEITOK, sem recurso à normalização. No ensaio descrito neste artigo, porém, foi utilizado o anotador TreeTagger – uma ferramenta externa à plataforma. Estou, portanto, a desenvolver um estudo sobre ambas as metodologias, com o objetivo de sistematizar os conhecimentos sobre a anotação linguística semiautomática das edições em TEITOK sem o recurso à normalização.

¹² A seleção de apenas três testemunhos foi ditada pela existência de diversas versões da ‘Crónica’: M, L₁

fenómenos característicos do Português Clássico que poderão ser estudados com base no texto da CXMM. Trata-se de um estudo exploratório que pretende demonstrar o potencial do *corpus* do PSM.

As variantes foram classificadas, de acordo com os diferentes níveis de análise linguística, em: (i) lexicais; (ii) fonológico-ortográficas; (iii) morfológicas; (iv) sintáticas¹³. A primeira parte do artigo (secções 2, 3, 4 e 5) apresenta fenómenos linguísticos já documentados na bibliografia de Linguística histórica, enquanto a segunda parte (secção 6) detalha algumas variantes que poderão apontar para fenómenos de mudança linguística ainda inexplorados.

2 VARIAÇÃO LEXICAL

Entre as variantes linguísticas identificadas na colação, existe um conjunto de palavras cuja variação é sistemática. Alguns pares serão certamente familiares a quem se ocupa de textos de diacronias passadas e não será necessário apresentar todas as suas ocorrências: por exemplo, “todolos”/“todos os”¹⁴, “mores”/“mayores”, “leixar”/“deixar”, presentes nos testemunhos mais antigos e no testemunho E, respetivamente. No entanto, há outros pares cuja variação é sistemática e será porventura menos comum – um primeiro grupo é apresentado abaixo, outros na secção 6. Vejam-se as seguintes variantes¹⁵:

1. os grandes prejuizos que **soem** resultar das novidades, e os insignes danos (L₁, fl. 198r)
os grandes prejuizos, que **costumão** resultar das novidades, e os grandes danos (E, fl. 48v)
2. El Rey (que todolos conselhos prudentes **sohia chamar** fraquesas (L₁, fl. 206v)
El Rey que todos os concelhos prudentes **costumava chamar** fraquezas (E, fl. 56v)
3. outros com que **sohia** tratar mais das cousas da guerra (L₁, fl. 207v)
outros, com que **costumava** tratar mais das couzas da guerra (E, fl. 57r)
4. porque nos (enganados muitas vezes em couzas craras) **soemos** errar o caminho
das que nos convem (L₁, fl. 211v)
porque nos enganados muytas vezes em couzas claras **costumamos** errar o Caminho
das que nos convem (E, fl. 61r)
5. couzas sobre que os homens **soem contender** (L₁, fl. 212v)
couzas, sobre que os homens **costumão entender** (E, fl. 61v)
6. couzas de que **soem** proceder as victorias (L₁, fl. 213r)
couzas, de que **costumaõ** proceder as victorias (E, fl. 62r)

e E, apesar de apresentarem diferenças significativas, são, globalmente, os mais parecidos do ponto de vista formal. Além disto, destacam-se pela sua extensão e pelo intervalo temporal relativamente amplo que os separa (relembre-se que o *corpus* do PSM abrange pouco menos de dois séculos): M e L₁ foram copiados em torno de 1650, enquanto E data de entre 1720 e 1737. Inclusivamente, apesar de ser uma cópia tardia, E transmite a versão do texto mais antiga entre as três hoje disponíveis.

¹³ Teresa Brocardo, no início da sua carreira (1994), ensaiou diversas propostas de classificação de variantes linguísticas encontradas em testemunhos manuscritos de uma mesma obra. No caso da presente exposição, bastará uma categorização genérica.

¹⁴ Encontrei também uma ocorrência no feminino sem marcação morfológica de género no testemunho madrileno (“todolas”, M, fl. 288v/“todalas”, L₁, fl. 198v).

¹⁵ O ramo σ do estema (M e L₁) será aqui representado pelas lições do testemunho L₁ já que este, como demonstrei em Lombardo (2025), contém menos erros de cópia. Os casos em que os testemunhos divergirem serão devidamente assinalados com a inclusão da lição de M.

7. por honrra, e por estado **soem** as gentes guerrear (L₁, fl. 213v)
por honra, e por estado, **costumão** as gentes fazer guerra (E, fl. 63r)
8. **soem** sair enganosas (L₁, fl. 214v)
costumaõ ser enganosas (E, fl. 64r)
9. ante os maos, e ignorantes **soe** ella ter mais lugar (L₁, fl. 217r)
ante os mãos, e ignorantes **costuma** ella ter mais lugar (E, fl. 66r)
10. inconvenientes que **soe aver nos perigos** que se desestimam (L₁, fl. 221r)
inconvenientes, que **cômumente succede haver nos perigos**, que se desestimaõ
(E, fl. 70r)
11. procedendo sempre como **sohia** em nam admitir muito a sua comunicação (L₁, fl. 223r)
procedendo sempre como **costumava** em não admittir muyto a sua comunicação
(E, fl. 71v)
12. novas do campo do Maluco mais certas do que **se sohiam saber** (L₁, fl. 228)
novas do campo do Maluco mais certas, do que **atè ly se tinhaõ alcançado** (E, fl. 76v)
13. Jeralmente nas batalhas **soem** peleijar hūs escoadroēs (L₁, fl. 249r)
geralmente nas batalhas **costumão** peleijar huns esquadroens (E, fl. 95v)

O par “soer”/“costumar”, tal como os outros indicados acima, pode classificar-se intuitivamente como uma atualização linguística de E. Em face à falta de dados específicos sobre as atestações *ad quem*, os próprios dicionários confirmam-no. Rafael Bluteau, no ‘Vocabulario’, afirma ser “pouco usado” (Bluteau, Tomo VII, 1720, p. 688) e Fr. Domingos Vieira, no ‘Thesouro’, indica explicitamente tratar-se de “termo antiquado [...] quasi em desuso” (Vieira, 1874, Vol. V, p. 563).

3 VARIAÇÃO FONOLÓGICO-ORTOGRÁFICA E LEXICAL: OS CASTELHANISMOS

O ramo $\sigma - e$, mais frequentemente, o testemunho M – contém diversos castelhanismos. As variantes, neste caso, dizem respeito tanto ao campo fonológico-ortográfico, como ao lexical. Vejam-se os seguintes exemplos:

FLP 27(1)

14. sendo homem de **horrible**, e disforme aspeito (M, fl. 243v)
sendo homem de **horrible**, e disforme aspeito (L₁, fl. 160r)
sendo hū homem do mais **horrivel**, e desforme aspecto (E, fl. 9v)
15. o Xarife não tinha **Su gente** occiosa (M, 247r)
o xarife não tinha **su gente** occiosa (L₁, 163v)
nẽ o Xarife tinha **sua gente** tão ociosa (E, fl. 16r)
16. Com desejo, e zelo de o seruirem todos os **perigros** lhe parecerião faseis (M, fl. 247v)
com desejo, e zelo de o servirem todos os **perigos** lhe pareceriaõ faseis (L₁, fl. 164r)
17. tres fortalezas nas bocas de outros tres Rios, de que se pode receber prejuizo naquella costa, que são os de Tetuaõ, Mamora, e **celhe** (M, fl. 250r)
tres fortalezas nas bocas de outros tres Rios de que se pode receber prejuizo naquella costa, que são os de Tetuaõ, Mamora, e **Cellee** (L₁, fl. 166r)
18. tomara muitas cousas que não soe auer em **hombres** da sua lei (M, fl. 255v)
tomara muitas cousas que não soe auer em **homês** de sua ley (L₁, fl. 171r)
tomara muytas cousas, que não sohe haver em **homens** de sua ley (E, fl. 23r)
19. era cousa **marauillosa** uer a pressa que se daua em tudo assj na terra como no mar (M, fl. 267r)
era cousa **marauilhosa** ver a pressa que se dava em tudo assi na terra como no mar (L₁, fl. 180r)
era couza **maravilhosa** ver a pressa, que se dava em tudo assí na terra, como no mar (E, fl. 31r)

20. quando ja vio que por nenhũa via era **possibel** (M, fl. 269v)
quando ja vio, que por nenhuã via era **possiuel** (L₁, fl. 181v)
quando já vio que por nenhuã via era **possivel** (E, fl. 33r)
21. não tratando elle disso senão de se por em cobro com o mais que pudesse **lleuar** (M, fl. 241v)
naõ tratando elle disso, senaõ de se por em cobro com o mais que pudesse **llevar** (L₁, fl. 158r)
não tratando elle disso senão de se por em cobro com o mais que pudesse **levar** (E, fl. 14r)
22. nem com partidos que **lle** diminuisssem a reputação (M, fl. 252r)
nem com partidos que **lhe** diminuisssem a reputação (L₁, fl. 168r)
nem com partidos que **lhe** diminuisssem a reputação (E, fl. 20v)
23. repartindo **todas las** gallantarias custusas que fizera para esta jornada por muzicos, e chocarreiros (M, fl. 274r)
repartindo **todalas** gallantarias custusas que fizera para esta jornada, por muzicos, e chocarreiros (L₁, fl. 185v)
repartindo **todas as** Galantarias custosas, que fizera para esta jornada por musicos, e chocoreyros (E, fl. 36v)
24. o xarife **lle** pos a mão sobre o seu ombro esquerdo (M, fl. 279v)
o Xarife **lhe** pos a mão sobre o seu ombro esquerdo (L₁, fl. 190v)
o Xarife **lhe** poz a mão sobre o seu hombro esquerdo (E, fl. 41v)
25. auia por **todas las** partes entradas deuassas (M, fl. 283v)
avia por **todas las** partes entradas devassas (L₁, fl. 193v)
26. pejando sse **tambien** algús com a capella, e recamara del Rey (M, fl. 293v)
pejando sse **tambem** algús com a Capella, e recamara del Rey (L₁, fl. 202r)
carregando se **tambem** algús com a capella, e recamara del Rey (E, fl. 52v)
27. lhe mandaria fazer sinal de recolher com tiros grosos de **Artilleria** (M, fl. 298v)
lhe mandaria fazer sinal de recolher com tiros grosos **d'Artilheria** (L₁, fl. 207r)
lhe mandaria fazer sinal de se recolher com tiros grossos de **artelharia** (E, fl. 57r)
28. cousa que lhe ja **no** sera posiucl (M, fl. 307r)
cousa que lhe Ja **nam** sera possivel (L₁, fl. 214v)
couza que já lhe **não** será possivel (E, fl. 63v)
29. tambien aos Reis he dificultoso abater **mercimientos** (M, fl. 309r)
tambem aos Reis he dificultoso abater **mercimientos** (L₁, fl. 216v)
tambê aos Reys he difficultoso abater **mercimientos** (E, fl. 65v)
30. sem as irreparaueis crueldades que o uso da poluora, E **artelleria** tem descuberto (M, fl. 312v)
sem as irreparaveis crueldades que o vso da polvora, e **artilheria** tem descuberto (L₁, fl. 218v)
sem as irreparaveis crueldades, que o vso da polvora, e **artelharia** tem descuberto (E, fl. 67v)
31. que **lhegara** pouco antes del Rey (M, fl. 314v)
que **Chegara** pouco antes del Rey (L₁, fl. 220r)
que **chegàra** pouco antes dele (E, fl. 69r)
32. homem de bom **entendimiento** (M, fl. 314v)
homem de bom **entendimento** (L₁, fl. 218v)
homem de bom **entendimento** (E, fl. 69r)
33. mais **avassalhados**, do que nunca foram (M, fl. 318v)
mais **avassallados** do que nunca foram (L₁, fl. 223r)
mais **avassalados**, que nunca foraõ (E, fl. 71v)
34. tanto que os Exercitos se juntasem, que seria forcadamente no dia **seguiente** (M, fl. 324v)
tanto que os exercitos se juntasem, que seria forçadamente no dia **siguinte** (L₁, fl. 228v)
tanto que os exercitos se juntassem, que seria forçadamente no dia **seguinte** (E, fl. 77r)

FLP 27(1)

35. foi causa **marauillosa** ver o ardor dos fidalgos Portugueses que se uiam pello campo andar bramando pello seu Rey (M, fl. 328v)
foi cousa **marauillosa** ver o ardor dos fidalgos Portuguezes que se viam pello Campo andar bramando pello seu Rey (L₁, fl. 250r)
foy couza **maravilhosa** ver o ardor dos Fidalgos Portuguezes, que se viaõ pelo Campo andar bramando pelo seu Rey (E, fl. 96v)
36. como quem auia por **infalible** aquella esperança de vencer (M, fl. 329v)
como quem avia por **infalivel** aquella esperança de vencer (L₁, fl. 233r)
como quem havia por **infalivel** aquella esperança de vencer (E, fl. 81r)
37. se apertavam hús a outros **entalhando** sse de maneira (fl. 342r)
se apertavam hús a outros **entalhando** sse de maneira (fl. 244v)
se apertavaõ huns aos outros **entalando** se de maneyra (fl. 90v)
38. do qual caso se pode bem colegir a confusam desta **batalla** (M, fl. 351r)
do qual caso se pode bem colegir, a confusão desta **batalha** (L₁, fl. 252v)
do qual cazo se pode bem coligir a confuzaõ desta **batalha** (E, fl. 98v)
39. não porque fosse maes magnanimo para ter mão nas cousas da corona (M, fl. 250v)

A influência do castelhano patenteia-se, por exemplo, na confusão gráfica entre <ll> e <lh>¹⁶, como demonstram as variantes 17, 19, 22, 24, 27, 30, 33, 35, 37 e 38. Neste primeiro grupo, é possível admitir como gênese do erro a seguinte dinâmica: durante o ditado interior, o copista interpretou corretamente a grafia <lh> da perícope com o som [ʎ], mas acabou por grafá-lo com <ll> devido a uma maior familiaridade com este correspondente gráfico. Em alguns casos, a confusão é motivada pela existência de uma palavra praticamente homógrafa em ambas as línguas (variantes 19, 27, 30, 35 e 37), o que poderá explicar a ocorrência do erro (do ponto de vista textual, estemático) tanto em M, como em L₁¹⁷. No caso das variantes 17, 22 e 24, porém, o mecanismo deu origem a palavras inexistentes em castelhano.

FLP 27(1)

Já no caso das variantes 33 e 37, vislumbra-se a hipercorreção: sugiro, nestes casos, que o copista tenha lido <ll> na perícope, tenha interpretado mentalmente como [ʎ] devido ao costume de associar tal som a estes grafemas e tenha grafado <lh> visto que, em português, ao som [ʎ] corresponde este dígrafo.

O grupo de variantes 26, 29, 32 e 34 demonstra a dificuldade em evitar o fenómeno de ditongação típico do castelhano.

Outras variantes atestam interferência desta língua a nível lexical (variantes 14, 15, 16, 18, 20, 21, 23, 25, 28, 31, 36). No último caso (variante 39), o copista do testemunho madrileno reparou no erro que ia cometer (“corona”) e corrigiu-o imediatamente, escrevendo o <a> por cima do <n>.

4 VARIAÇÃO MORFOLÓGICA

Algumas lições apresentam adjetivos terminados em “-ol” e “-ês” no feminino ainda sem diferenciação em relação às respetivas formas do masculino. A evolução histórica do género das palavras foi abordada por diversos autores e foi resumido

¹⁶ Nesta secção, os símbolos <> e [] serão usados com valor linguístico: <> para indicar grafia e [] para indicar transcrições fonéticas, de acordo com o International Phonetic Alphabet – IPA.

¹⁷ Ainda mais lembrando que, como demonstrei em Lombardo (2025), trata-se de testemunhos copiados pelo mesmo indivíduo.

por Cardeira (2005, p. 91-96), que relembra que, no século XVI, registam-se ainda principalmente as formas invariáveis dos adjetivos terminados em “-or”, “-ol”, “-nte” e “-ês”. As variantes recolhidas nos testemunhos da CXMM são constituídas apenas por adjetivos terminados em “-ol” e “-ês” e são as seguintes.

40. Alcaide Xabá Elche de **nação Francesa** (L₁, fl. 161r)
Alcayde Zabão, Elche da **nação Francez** (E, fl. 10v)
41. muito eloquente na sua, e na turquesca, sabia muito bem a francesa, e a **Español**, e Italiana (L₁, fl. 169v)
muyto eloquente na sua, e na Turquesca, sabia muyto bem a Franceza, e a **Hespanhola**, e Italiana (E, fl. 22r)
42. victorias, que tanto tem Jlustrado a **naçam Portugues** (L₁, fl. 198r)
victorias, que tanto illustraraõ a **nação Portuguesa** (E, fl. 48v)
43. obediencia, e lealdade da **naçam Portuges** (L₁, fl. 224)
obediencia, e lealdade da **nação Portuguesa** (E, fl. 72v)

5 VARIAÇÃO SINTÁTICA

5.1 Determinantes

Outras variantes são de ordem sintática; começemos pela classe dos Determinantes. Do total de variantes linguísticas identificadas durante a colação, vinte e quatro dizem respeito à ocorrência do artigo antes de possessivo (variantes 44-67 *infra*). A utilização do artigo antes de pronomes possessivos, em fases anteriores da história do português, era opcional – uma constatação amplamente consensual na bibliografia¹⁸. Em particular, a evolução diacrónica que leva à expansão da combinação artigo+possessivo em português europeu foi objeto de um estudo elaborado por Rinke (2010, p. 121–139), que indica que “no século XIII o uso do artigo é excepcional (6%) e continua assim até ao século XVII. Só a partir do século XVIII é possível observar um aumento do emprego do artigo definido em sintagmas nominais possessivos. No século XIX, o uso dos artigos generaliza-se” (Rinke, 2010, p. 130).

FLP 27(1)

44. vestidos de **sua Libree** (L₁, fl. 188r)
vestidos da **sua librè** (E, fl. 39r)
45. engrandecendo **muito seu poder**, (L₁, fl. 192r)
engrandecendo **muyto o seu poder** (E, fl. 43r)
46. Zeloso **de seu serviço** (L₁, fl. 204r)
zeloso **do seu Servico** (E, fl. 54r)
47. **com seu exercito** (L₁, fl. 204r)
com o seu exercito (E, fl. 54r)
48. tendo primeiro espedido, recados a **todos seus Alcaydes** (L₁, fl. 209v)
tendo primeyro expedido recado a **todos os seus Alcaydes** (E, fl. 59v)
49. abatidos de desprezos **de seu Rey** (L₁, fl. 213v)
abatidos dos desprezos **do seu Rey** (E, fl. 62v)
50. total destruiçam **de todas nossas cousas** (L₁, fl. 214r)
total destruyção **de todas as nossas couzas** (E, fl. 63r)

¹⁸ Desde a ‘Gramática histórica’ de M. Said Ali (1964), até ao mais recente ‘Manual de Linguística Portuguesa’ (Martins; Carrilho, 2016, p. 1-39), passando por muitos outros estudos (dos que já citei até aqui, por exemplo, Cardeira, 2005).

51. obrigação de seguir **a seu Rey** (L₁, fl. 215v)
obrigação de seguir **ao seu Rey** (E, fl. 64v)
52. recado que levava **do seu Rey** (L₁, fl. 220v)
recado, que levava **de seu Rey** (E, fl. 69v)
53. indo El Rey, **com seu** exercito (L₁, fl. 221r)
hindo El Rey **com o seu** exercito (E, fl. 69v)
54. quando ella com temor **de seu exercito** se podia ter despejado (L₁, fl. 222r)
quando ella com temor **do seu exercito** se podia ter despejado (E, fl. 70v)
55. recontros de muita honrra sua, **e dos Ø companheiros** (L₁, fl. 227v)
recontros de muyta honra sua, **e de seus companheyros** (E, fl. 75v)
56. por apazer a el Rey, seguindo a bandeira **de seu privado** (L₁, fl. 230v)
por apazer a El Rey, segundo a Bandeyra **do seu privado** (E, fl. 78v)
57. seu entendimento, e de **todoslos seus Conselheiros** (L₁, fl. 234r)
seu entendimento, e de **todos seus Concelheyros** (E, fl. 82r)
58. que levasse debaixo **de seu guiam** (L₁, fl. 235r)
que levasse debayxo **do seu Guiaõ** (E, fl. 82v)
59. nomeando o **por seu nome** (L₁, fl. 237v)
nomeando o **pelo seu nome** (E, fl. 85r)
60. cada hum **de sua parte** (L₁, fl. 240r)
cada hum **da sua parte** (E, fl. 86v)
61. foi a primeira causa **de nosso desbarato** (L₁, fl. 243v)
foy a primeyra cauza **do nosso desbarato** (E, fl. 90r)
62. cada hum **por sua parte** (L₁, fl. 245v)
cada hum **pela sua parte** (E, fl. 92r)
63. entender que os nam trouxe ca a confiança **do seu poder** (L₁, fl. 214v)
entender que os não trouxe câ a confiança **de seu poder** (E, fl. 63v)
64. senam a esperança **das vossas discordias** (L₁, fl. 214v)
senão a esperança **de vossas discordias** (E, fl. 63v)
65. degradado **pellos seus prelados** por culpas que cometera na ordem (L₁, fl. 232r)
degradado **por seus Prelados** por culpas que comettera na Ordem (E, fl. 80r)
66. dalgũs poucos **da sua feitura** (L₁, fl. 232v)
alguns poucos **de sua feytura** (E, fl. 80r)
67. terra regada **do seu sangue** (L₁, fl. 250v)
terra regada **de seu sangue** (E, fl. 97r)

FLP 27(1)

No levantamento de variantes linguísticas dos testemunhos da CXMM, observei que o testemunho E utiliza o artigo, em contraste com os testemunhos mais antigos, em dezasseis casos (variantes 44-51, 53, 54, 56, 58-62); enquanto o contrário acontece apenas em sete casos (variantes 52, 57, 63, 67). A variante 55 contém uma reformulação, mas atesta o uso de possessivo não acompanhado por artigo no testemunho eborense.

5.2 Quantificadores

Existem algumas variantes que dizem respeito ao uso dos quantificadores. Sem entrar aqui em detalhes sobre as características da negação na história do português, limitar-me-ei a referir apenas a síntese da evolução diacrónica da “negação, palavras negativas e itens de polaridade em geral” apresentada por Ana Maria Martins na Introdução do ‘Manual de Linguística Portuguesa’ (Martins, 2016, p. 23 e 25-26). Para interpretar os dados extraídos dos testemunhos da CXMM, interessa relembrar os seguintes pontos:

- a) palavras como “al”, “rem”, “cousa”, “homem”, “parte” utilizadas com função negativa deixam de ser atestadas no final do Português Antigo (finais do século

XIV);

- b) durante a fase do Português Médio (até meados do século XVI), “algum” e “alguém” deixaram de ocorrer em contextos negativos: “palavras como “algum” e “nenhum”, que podiam estar em variação nos mesmos contextos sintático-semânticos no Português Medieval (“des ontem ao serão não ouvemos algũa/nenhũa folga”), passaram a estar em distribuição complementar: “algum” nos contextos afirmativos (assertivos) e modais (também chamados ‘contextos negativos fracos’), nenhum nos contextos estritamente negativos” (Martins, 2016, p. 25-26, grifo do autor);
- c) em Português Antigo, “algum” e “nenhum” são utilizados como pronomes de referência [+humana]. Ao longo da fase do Português Clássico (até meados do século XVIII), “algum” e “nenhum” são progressivamente substituídos por “alguém” e “ninguém”, outrora raros, e no Português Moderno deixa de existir variação.

Na CXMM, constatei primeiramente que o pronome “algum” pode ocorrer com referência [+HUMANA], em contextos onde atualmente ocorreria “alguém”¹⁹.

O pronome “nenhum” também é usado na ‘Crónica’ com referência [+humana]²⁰, em contextos onde atualmente seria utilizado “ninguém”, e também encontrei um caso de variação entre testemunhos que diz respeito a este pronome. Na seguinte ocorrência (variante 68), nos testemunhos M e E, o quantificador é, aparentemente, interpretado enquanto adjetivo do sujeito subentendido “pessoa”,

¹⁹ Vejam-se as seguintes ocorrências, coincidentes nos três testemunhos:

- (i) cõtudo não auia nelles algum que leixasse de confessar ser esta gente a mais luzida que podia ser (L₁, fl. 187v)
comtudo não havia nelles algũ, que leyxasse de confessar ser esta gente a mais luzida, que podia ser (E, fl. 38v)
- (ii) nem aja entre vos algum de tam fraco juizo (L₁, fl. 214r)
nem haja entre vós algum de taõ fraco juizo (E, fl. 63r)
- (iii) cada hum onde lhe coube, sem algum ter, rezam, de se descontentar do lugar (L₁, fl. 240v)
cada hũ donde lhe coube, sem algum ter razão de se descontentar do lugar (E, fl. 87v)
- (iv) sem algum poder ir na volta del Rey como todos quizeram (L₁, fl. 252v)
sem algũ poder ir na volta del Rey, como todos dezejavaõ (E, fl. 98v)

²⁰ Vejam-se as seguintes ocorrências, coincidentes nos três testemunhos:

- (v) em sinal, que nenhũ pode mover o pee atras (L₁, fl. 156r)
em sinal que não pode nenhũ mover o pê atraz (E, fl. 4v)
- (vi) por sima do mao conceito, que todos tinhaõ desta passagem del Rej, nhũ auia que não tiuesse por melhor perder se nella, que leixar de o seguir (L₁, fl. 177v)
por cima do mào conceyto, que todos tinhamõ desta passagem del Rey nenhũ havia, que não tivesse por melhor perder se nella, que leixar de o seguir (E, fl. 29r)
- (vii) sem perdoar, a nenhum proprio perigo, nem trabalho corporal (fl. 231v)
sem perdoar a nenhum proprio perigo, nem trabalho corporal (fl. 79v)
- (viii) porque nenhũ queria ser, em cuja mam, se perdesse (fl. 248v)
porque nenhũ queria ser o em cuja maõ se perdesse (fl. 94v)

enquanto em L₁, “nhũ” mantém a função de pronome, assim exibindo um traço mais arcaico.

68. nem poder nisso culpar alguã pessoa, porque **nhũ** ousava tomar sobre si a culpa dalguã couza destas (L₁, fl. 174v)
sem se advertir, nem poder nisso culpar a algũa pessoa; porque **nenhũa** ouzava tomar sobre sy a culpa de algũa couza destas (E, fl. 26r)

Por sua vez, o uso de “algun” em contextos negativos e modais é atestado nos três testemunhos. Numa ocasião, porém, o manuscrito eborense diverge dos demais na escolha do pronome: na seguinte lição, E lê “algun”, enquanto M e L₁ transmitem a lição “nenhũ”.

69. hũ pequeno monte cuja altura impedia naõ ser visto **nenhũ** delles (L₁, fl. 155v)
cuja altura impedia naõ ser visto **algun** delles (E, fl. 4r)

Por fim, registei também uma variante na utilização do minimizador “al”, em que o testemunho E transmite a perífrase “outra couza”:

70. nem vos possam enganar as branduras, e beninidades fingidas do Rey dos Christaõs, que nam sam **al** senam meynos, pera vos poder tiranizar (L₁, fl. 214)
nem vos possaõ enganar as branduras, e benegnidades fingidas do Rey dos Christaõs, que naõ saõ **outra couza** senaõ meynos, para vos poder tiranizar (E, fl. 64r).

5.3 Verbos

Três variantes dizem respeito à possibilidade de concordância com o objeto direto do particípio passado de tempos compostos com “haver”/“ter”, que sabemos²¹ constituir uma opção gramatical até ao século XVIII. Em dois casos, E apresenta marcas de concordância (variantes 71 e 72 *infra*), enquanto o contrário ocorre apenas em um caso (variante 73 *infra*)²².

71. E nesta sorte de gente **tinha El Rey fundado** a força do exercito (L₁, fl. 197v)
e nesta sorte de gente **tinha El Rey fundada** a força do exercito (E, fl. 48r)
72. nam leixava de **ter apercebido** suas couzas (L₁, fl. 210r)
naõ deyxava de **ter apercebidas** suas couzas (E, fl. 59v)
73. e El Rey, porque parece que **tinha ja no caso tomada** outra determinação (L₁, 184v)
E El Rey, que já no cazo **tinha tomado** outra determinação (E, fl. 36r)

Muitas variantes dizem respeito ao uso do condicional (doravante, COND). Um primeiro grupo constituído por quatro variantes testemunha a alternância entre COND e imperfeito (IMPERF) com valores modais, amplamente atestado no português atual (por

²¹ Consulte-se, por exemplo, a já citada Introdução de Ana Maria Martins (2016), juntamente com outros estudos mais específicos que aludem a este aspecto: por exemplo, Amaral e Howe (2012) ou, ainda, Carrasco (2020).

²² Na CXMM são atestados mais cinco casos de concordância do particípio passado com o objeto direto. Nestes casos, porém, os três testemunhos aqui considerados não apresentam variação, pelo que não inclui as lições na lista acima. Ei-las:

exemplo, Oliveira, 2013), mas ainda pouco estudado em diacronias passadas²³:

74. nem via suas couzas ainda em estado de se poder querer tanto delle, pois o não tinhaõ posto em tanto aperto, que teuesse rezaõ de cuidar que se **quereria** remir (L₁, fl. 168r)
nem via suas couzas ainda em estado de se poder querer tanto delle, pois o não tinhaõ posto em tanto aperto, que tivesse razão de cuidar, que se **queria** remir (E, fl. 21r)
75. entendendo, que nam somente, nam ouvera por serviço ganhar se lhe fortaleza em sua auzencia, mas que se lhe **faria** nisso notavel desprazer (L₁, fl. 222v)
entendendo que não sòmente não haveria por serviço ganhar se lhe a fortaleza em sua auzencia, mas, que se lhe **fazia** nisto notavel desprazer (E, fl. 71r)
76. nam quereria que ficasse nelles christaõs, senam o que nam podesse tolher, por onde o fruto que desta jornada El Rey **poderia tirar** (quando nella lhe succedesse tudo prosperamente) nam passaria de ganhar algum porto no estreito se o ja tiuesse ganhado (L₁, fl. 229v)
não quereria que ficassê nelles aos Christaõs, por onde o fruto, que desta jornada El Rey **podia tirar** (quando nella tudo lhe succedese prosperamente) não passaria de ganhar algum porto no estreito que já tivesse ganhado (E, fl. 78r)
77. para o que **podia bastar** a fortificação de hum passo (M, fl. 290r)
para o que **podia bastava** fortificação de hum passo (L₁, fl. 199v)
para o que **poderia bastar** a fortificação de hum passo (E, fl. 49v).

Quatro variantes (78-81 *infra*) atestam a alternância entre COND e pretérito mais-que-perfeito (MPS) com valores modais:

78. e tal o fazia elle tambem ao Xarife, com que tinha todoslos cumprimentos, tam cortezes, como **lhos podera** fazer na sua mor prosperidade (L₁, fl. 192v)
e tal o fazia elle taõbem ao Xarife com quem tinha todos os cumprimentos taõ cortezes, como **lho poderia** fazer na sua mayor prosperidade (E, fl. 43r)

-
- (ix) huã armada [...] a qual El Rey lhe tinha outorgada (L₁, fl. 163r)
hũa armada [...] a qual El Rey, lhe tinha outorgada (E, fl. 15v)
 - (x) victorias que aquelle Rey naquellas partes tinha ganhadas (L₁, fl. 164v)
curso de victoria, que aquelle Rey naquellas partes tinha ganhadas (E, fl. 17r)
 - (xi) fazendo juntamente quanto podia por ter satisfeitos as cabeças delles [os mouros] (L₁, fl. 169r)
fazendo juntamente quanto podia por ter satisfeytos as cabeças delles (E, fl. 21v)
 - (xii) por sua humana, e manífica condição, com que tinha obrigadas muitas pessoas (L₁, fl. 189r)
por sua humana, e magnifica condição, com que tinha obrigadas muytas pessoas (E, fl. 40r)
 - (ix) Marques coronel dos Jtalianos, o qual no coarto da prima visitando as centinellas que tinha postas ao redor do alojamento (L₁, fl. 194r)
Marques coronel dos Jtalianos, o qual no quarto da Prima sahio do seu terço vizitando as centinellas, que tinha postas ao redor do alojamento (E, fl. 44v)

²³ Num trabalho de 2016, dedicado à descrição dos contextos de ocorrência do COND em textos produzidos entre os séculos XIII a XV e à possível competição entre COND e MPS, Maria Teresa Brocardo assinala a existência da alternância entre COND e IMPERF já em fases pretéritas da língua portuguesa e relembra a necessidade de explorar também este aspecto nos estudos diacrónicos.

79. se soccedera passaren se ao Xarife algũs alcaydes seus parciaẽs, de que se tinha esperança era de creer que **causara** isso em muitos, tam grande alteraçam que poderiam ser vencidos sem fazer proua das armas (L₁, fl. 234v)
se succedera passarem se ao Xarife algũs Alcaydes seus parciaes, de que se tinha esperanca era de crer que **causaria** isso em muytos grande alteração, com que poderaõ ser vencidos, sem fazer prova das armas (E, fl. 82v)
80. se soccedera passaren se ao Xarife algũs alcaydes seus parciaẽs, de que se tinha esperança era de creer que causara isso em muitos, tam grande alteraçam que **poderiam** ser vencidos sem fazer proua das armas (L₁, fl. 234v)
se succedera passarem se ao Xarife algũs Alcaydes seus parciaes, de que se tinha esperanca era de crer que causaria isso em muytos grande alteração, com que **poderaõ** ser vencidos, sem fazer prova das armas (E, fl. 82v)
81. e se tratara de se salvar quando ainda o pudera fazer depois de tudo perdido, nam ha duvida, senam que se **salvaram** com elle muitos fidalgos (L₁, fl. 248r)
e se tratara de se salvar quando ainda o podera fazer depois de tudo perdido não ha duvida senaõ que se **salvariaõ** com elle muytos fidalgos (E, fl. 94r)

Este tema foi analisado por Maria Teresa Brocardo em dois trabalhos, respetivamente de 2016 e 2019. No primeiro destes, sugere-se que “os fatores sintático-semânticos que ativam” a interpretação modal sejam “a ocorrência na apódose de construções condicionais, de diferentes formatos sintáticos, bem como contextos de negação e interrogação, a que se junta ainda [...] a marcação em verbos de valor inerentemente modal, em particular “poder”, mas também “dever” no caso do MPS” (Brocardo, 2016, p. 10, grifo do autor). Os dados extraídos da CXMM corroboram estas primeiras observações: duas variantes ocorrem com o verbo “poder” (variantes 78 e 80) e duas na apódose de orações hipotéticas (variantes 79 e 81).

No artigo de 2019, a autora voltou a este tema, revisitando os dados anteriormente apresentados e concentrando-se na alternância entre MPS e COND em construções condicionais. Esclareceu que, em textos produzidos entre finais do século XV e princípios do XVII, o uso de MPS ou COND parece depender de uma interpretação “associada à persistência dos valores temporais (anterioridade / posterioridade em relação a um tempo passado) inerentes aos dois paradigmas”, sendo que, “na maioria dos casos, só o COND admite uma leitura hipotética e o MPS uma leitura contrafactual” (Brocardo, 2019, p. 75). Paralelamente a esta distribuição, a autora apresenta uma série de dados em que se vislumbra uma potencial competição: por um lado, “a inter-relação com outros valores marcados na construção – modalidade deontica (com “deuer”), ambiguidade entre volição / intenção (com “querer”) – parece poder bloquear a leitura contrafactual do MPS, em certos contextos”; por outro, “outros contextos parecem poder permitir leituras contrafactuais do COND, com interferência de diferentes propriedades dos predicados da prótase e / ou apódose com “saber”, “conhecer”, “achar”, envolvendo também questões aspetuais” (Brocardo, 2019, p. 75, grifo do autor).

Partindo do pressuposto de que o uso do MPS na apódose de construções hipotéticas, comum em fases pretéritas da história do português, foi recuando progressivamente até cair em desuso, a lição 81 parece estar em concordância com estas observações, sugerindo que, nos séculos XVII e XVIII, a competição entre paradigmas já se teria alargado para contextos anteriormente estáveis e com distribuição complementar. De facto, a frase indica uma possibilidade não realizada (“o rei D. Sebastião não tratou

FLP 27(1)

de salvar-se a tempo de salvar também outros fidalgos”). Segundo a hipótese da autora, este contexto estaria reservado ao MPS em fases anteriores da história do português – e isto verifica-se nos testemunhos mais antigos. No entanto, ao dar mais espaço ao COND, o manuscrito mais recente reflete uma atualização da língua, testemunhando uma gramática em que o uso do MPS já se estaria a tornar obsoleto.

Finalmente, refiro dois casos de variação na realização do infinitivo flexionado (INF.FLEX) como complemento de verbos perceptivos. A diacronia da distribuição das formas flexionadas do infinitivo foi analisada por Fiéis e Madeira num trabalho de 2014, que indicam que o pt-Cl representa o ponto de viragem para mudanças na distribuição do INF.FLEX. Mais especificamente, do Português Antigo para o Português Clássico, por um lado o INF.FLEX deixa de ser utilizado com valor modal e em coordenação com conjuntivo ou infinitivo não flexionado; por outro lado, começa a ser atestado em orações introduzidas por preposições, orações de sujeito, comparativas e predicativas, e complementos de verbos declarativos, epistémicos, perceptivos, causativos, de controlo de objeto e factivos. Nas duas variantes encontradas nos testemunhos da CXMM, o manuscrito eborense apresenta o infinitivo flexionado numa oração introduzida por verbo perceptivo:

82. E eu ví por essa reção **dormir** muitos homens de sorte, com as armas vestidas, (L₁, fl. 194r)
e eu vy por esta razão **dormirem** muytos homens de sorte com as armas vestidas,
(E, fl. 44v)
83. eu vi **queixar** disso gravemente ao seu mestre de Campo (L₁, fl. 209r)
eu vy **queyxarem** se disto grandemente ao seu Mestre de Campo (E, fl. 58v)

5.4 Estrutural informacional

FLP 27(1)

Uma última categoria de variantes está relacionada com a estrutura da informação²⁴ na sentença e as propriedades do objeto direto (variantes 84-110 *infra*), nomeadamente no que diz respeito ao uso de objeto direto preposicionado (*direct object marking* – DOM).

84. como se fizera o anno atras que com dilações o meteraõ no inuerno sem se aduirtir, nem poder nisso **culpar alguã pessoa**, porque nhũ ousava tomar sobre si a culpa dalguã couza destas (L₁, fl. 174v)
como se fizera no anno atraz, que com dilações o metterão no Inverno sem se advertir, nem poder nisso **culpar a algũa pessoa**; porque nenhũa ouzava tomar sobre sy a culpa de algũa cousa destas (E, fl. 26r)
85. porque desordena la por outra via, ou **mudar el Rey** do proposito de a efeituar era couza que ja ninguem esperava (L₁, fl. 175r)
porque desordena lla por outra via, ou **mudar a El Rey** do proposito de a effeetuar era couza que já ninguem esperava (E, fl. 27r)
86. soccedeo fazer el Rey para esta jornada capitão dos aventureiros **Christovão** de Tauora (L₁, fl. 183r)
succedeo fazer El Rey para esta jornada Capitaõ dos aventureyros **a Christovaõ** de Tavora (E, fl. 34v)

²⁴ Agradeço as preciosas observações da Prof.^a Dr.^a Ana Paula Banza, que foram fundamentais para a redação desta secção.

87. nos mesmos dias se tratou tambem alli muito de **satisfazer o senhor Dom Antonio** (L₁, fl. 188v)
nos mesmos dias se tratou taõbem aly muyto de **satisfazer ao senhor Dom Antonio** (E, fl. 39v)
88. nem fazer muito **por contentar alguem** (L₁, fl. 189v)
nem fazer muyto **por contentar a alguem** (E, fl. 40v)
89. qualquer dos mouros que o determinara podera muito bem **matar El Rey** (L₁, fl. 194v)
qualquer dos Mouros, que o determinasse, podera muyto bem **matar a El Rey** (E, fl. 45v)
90. e assi corriaõ todos a longa sem o Adail ver o Capitaõ, nem o **Capitaõ El Rey** (L₁, fl. 195v)
e assi corriaõ todos a larga sem o Adail de Arzila, nem o **Capitaõ a El Rey** (E, fl. 46r)
91. que **seguiaõ El Rey** sem alguã ordem (L₁, fl. 197r)
que **seguiaõ a El Rey** sem algũa Ordem (E, fl. 47v)
92. tinha ja dantes **persuadido algũs** mais seus aceitos (L₁, fl. 199r)
tinha jã de antes **persuadido a alguns** mais seus aceytos (E, fl. 49v)
93. para que fossem **persuadir El Rey** a desistir daquelle caminho (L₁, fl. 206r)
para que fossem **persuadir a El Rey** a desistir daquelle caminho (E, fl. 56r)
94. **despachou** El Rey logo, na propria noite **Afonso correa** de Tangere (L₁, fl. 207r)
despachou El Rey logo na propria noyte a **Affonso correa** de Tangere (E, fl. 57r)
95. crueldades com que os Christaõs ameaçavam **os** arrenegados (L₁, fl. 210v)
crueldades com que os christãos ameaçavão **aos** renegados (E, fl. 60r)
96. nos que **contentavam el Rey** em pallavras (L₁, fl. 216v)
nos que **contentavão a El Rey** com palavras (E, fl. 65v)
97. a falta dos mantimentos **obrigava el Rey** muito a se apressar (L₁, fl. 221v)
a falta dos mantimentos **obrigava a El Rey** muyto a se apreçar (E, fl. 70v)
98. respeito com que **tratava os grandes** (L₁, fl. 223r)
respeyto, cõ que **tratava aos Grandes** (E, fl. 71v)
99. **encarregou Simam** Lopez de mendoça (L₁, fl. 227r)
encarregou a Simaõ Lopes de Mendonça (E, fl. 75v)
100. hum caso, que **fez levantar El Rey** da mesa (L₁, fl. 233v)
hum cazo, que **fez levantar a El Rey** da meza (E, fl. 81v)
101. com nenhuas rezoẽs poderam **persuadir El Rey** (L₁, fl. 234r)
com nenhuãs rasoens poderaõ **persuadir a El Rey** (E, fl. 81v)
102. dizendo alto para **os que seguiaõ El Rey** (L₁, fl. 238v)
dizendo alto para **os que seguiaõ a El Rey** (E, fl. 85v)
103. **fez almoçar alli** Christovam de Tavora (L₁, fl. 239v)
fez almoçar ally a Christovaõ de Tavora (E, fl. 86v)
104. **acompanhando El Rey** (L₁, fl. 249v)
acompanhando a El Rey (E, fl. 95v)
105. **socorrer El Rey** (L₁, fl. 252v)
socorrer a El Rey (E, fl. 98v)
106. pello aver buscado de tanto tempo, e de tam remotas partes, pera lhe **socorrer a seus infortunios** (L₁, fl. 153v)
pelo haver buscado de tanto tempo, e de tão remotas partes para lhe **socorrer seus infortunios** (E, fl. 2v)
107. fazendo muita instancia em **aconselhar a el Rey** (L₁, fl. 232r)
fazendo muyta instancia em **aconcelhar El Rey** (E, fl. 80r)
108. querendo satisfazer **aos** aventureiros (L₁, fl. 236r)
querendo satisfazer **os** aventureyros (E, fl. 83v)
109. nam viera **servir a sua Magestade** (L₁, fl. 237r)
naõ viera **servir Sua Magestade** (E, fl. 84r)
110. E el Rey querendo socorrer **aos** que o socorreram (L₁, fl. 249v)
e El Rey querendo socorrer, **os** que o socorreraõ a elle (E, fl. 95v)

FLP 27(1)

Entre outros autores, um breve panorama histórico do uso do objeto direto preposicionado em português foi traçado por Döhla (2014). A análise conduzida por este autor aponta para uma evolução da realização do objeto direto preposicionado com pronomes pessoais e com nomes próprios representável por uma curva de tipo gaussiano, cujo pico máximo ocorre no século XVII. De acordo com os dados apresentados, a marcação do objeto direto terá começado a aumentar por volta do século XVI, terá atingido o auge no XVII e terá começado a diminuir no século XVIII, até desaparecer no português atual.

As variantes acima mostram uma tendência do testemunho eborense para o uso do objeto direto preposicionado: num total de 27 ocorrências, E apresenta-o em 22 casos (variantes 84-105).

6 VARIANTES A EXPLORAR

Existem outras variantes que, embora não apresentem fenómenos linguísticos sobre os quais se conheçam estudos²⁵, devido à sua alta frequência, sugerem observações mais detidas. Um primeiro grupo (variantes 111-134 *infra*) é constituído por variantes lexicais: “derradeiro”/“último” (variantes 111-119); “pejar”/“ocupar” (variantes 120-123); “aperceber”/“aparelhar” (variantes 124-125); “abastança”/“abundância” (variantes 126-129); “retaguarda”/“traseira” e “vanguarda”/“dianteira” (variantes 130-134). Nestes casos, a sua variação, além de refletir preferências estilísticas, poderá indicar uma eventual falta de familiaridade do copista com os termos substituídos ou um estranhamento no que toca ao seu contexto de ocorrência.

111. vindo lhe beijar a mão na **derradeira** porta (L₁, fl. 191r)
vindo lhe a beijar a mão na **ultima** porta (E, fl. 42r)
112. no **derradeiro** dos quaes, mandou chamar (L₁, fl. 191v)
o **ultimo** dos quaes mandou chamar (E, fl. 42v)
113. o Xarife veyo receber El Rey cõ a cortesia costumada ao topo da escada fora da **derradeira** porta (L₁, fl. 192v)
o Xarife veyo receber a El Rey com a cortezia costumada ao topo da escada fora da **ultima** porta (E, fl. 43v)
114. ate a **derradeira** gente (L₁, fl. 196v)
atè a **ultima** gente (E, fl. 47r)
115. ate chegar **por derradeiro a votar** o Conde de vimioso (L₁, fl. 200r)
atè chegar **por ultimo a occaziaõ de votar** o Conde de vimioso (E, fl. 50v)
116. sendo e devendo ser a **derradeira** (L₁, fl. 212v)
sendo, e devendo ser a **ultima** (E, fl. 61v)
117. e por **derradeiro** tudo he dos vencedores (L₁, fl. 213r)
e por **ultimo** tudo he dos vencedores (E, fl. 62v)
118. porque os **derradeiros** de que foi acompanhado no vltimo ponto em que se perdeo (L₁, fl. 252r)
porque os **ultimos**, de que foy acompanhado no ultimo ponto, em que se perdeo (E, fl. 98r)
119. E vasco da Silveira foi o **derradeiro** que os mouros **tomaram** (L₁, fl. 252v)
e vasco da Sylveyra foy o **ultimo**, que os Mouros **cattivarão** (E, fl. 98v)

²⁵ Sempre com a ressalva de que possam existir e não ter vindo ao meu conhecimento.

120. nem para sua pessoa tinha ficado nelle gasalhado particular, por estar tudo **pejado**,
naõ somente com seus continos, e moradores de sua casa, mas com outros muitos fidalgos
honrrados (L₁, fl. 189r)
nem para sua pessoa tinha ficado nelle gasalhado particular por estar tudo **occupado**, naõ
somente com seus continuos, e moradores de sua Caza, mas com outros muytos fidalgos
honrados (E, fl. 40r)
121. alojamento, que lhe foi assinado junto da tenda del Rey, o qual ficou sempre **despejado**
(L₁, fl. 191v)
alojamento, que lhe foy assignado junto da tenda del Rey o qual ficou sempre
desocupado (E, fl. 42v)
122. **pejando** sse tambem algũs com a Capella, e recamara del Rey (L₁, fl. 202r)
carregando se tambem algũs com a capella, e recamara del Rey (E, fl. 52v)
123. entendendo sse tambem o desconcerto que fora **pejaren se** corenta carros com pipas d'agoa
(L₁, fl. 206r)
entendendo se tambem o desconcerto, que fora **occuparem se** 40 carros com pipas de agua
(E, fl. 56r)
124. naõ dando lugar a se poder sair pella barra, o deu para se **aperceberem** muitas couzas que
falleciaõ (L₁, fl. 181r)
naõ dando lugar para se poder sahir pela barra fora o deu para se **aparelharem** muytas
couzas, que ainda faltavam (E, fl. 32v)
125. estando ja em lisboa **de todo apercebido**, com aparato, e manificencia dino da
grandeza daquella caza (L₁, fl. 181v)
estando jã em lisboa **aparelhado de tudo** com o apparato, e magnificencia digna da
grandeza daquella Caza (E, fl. 32v)
126. tinha de tudo taõ grande **abastança** (L₁, fl. 188r)
tinha de tudo taõ grande **abundancia** (E, fl. 39r)
127. mantimentos de toda sorte tudo em muito grande **abastança** (L₁, fl. 182r)
mantimentos de toda a sorte, tudo em grande **abundancia** (E, fl. 33v)
128. Diogo Lopez de siqueira, que o levou ate Arzilla seruido **em grande abastança de todas**
cousas (L₁, fl. 191r)
Diogo lopes de Siqueyra, que o levou ate Arzila, servido **de tudo o necessario com muyta**
abundancia (E, fl. 42r)
129. por terem elles procurado levar todas as couzas em tam grande **abastança** (L₁, fl. 206r)
por terem elles procurado levar todas as couzas em taõ grande **abundancia** (E, fl. 56r)
130. defendendo a **retaguarda**, fazendo nisto mui notavel seruiço (fl. 227v)
defendendo a **trazeyra** fazendo nisto muy notavel serviço (fl. 75v)
131. a correr contra a **retaguarda** em fio grosso (fl. 228r)
a correr contra a **trazeyra** em fio grosso (fl. 76r)
132. a **vanguardia** dos inimigos parou a menos de tiro de berço na frente da
retaguarda (fl. 228r)
a **dianteyra** dos inimigos parou a menos de tiro de berço defronte da trazeyra da
rectaguarda (fl. 76v)
133. a vanguardia dos inimigos parou a menos de tiro de berço **na frente da**
retaguarda (fl. 228r)
a dianteyra dos inimigos parou a menos de tiro de berço **defronte da trazeyra da**
rectaguarda (fl. 76v)
134. o mesmo Simam Lopez, que vinha **nas costas da retaguarda**, com a gente (fl. 231r)
o mesmo simão lopes, que vinha **na trazeyra** com a gente (fl. 79r)

FLP 27(1)

Existem também algumas variantes de ordem sintática, como o uso dos pronomes demonstrativos “esse(s)”, “essa(s)”, “isso” em contraposição a “este(s)”, “esta(s)”, “isto” (variantes 135-155 *infra*). A variação, neste caso, parece proceder (quase) sempre na mesma direção, com os testemunhos do ramo σ a usarem os determinantes do primeiro grupo e o eborense a preferir o segundo grupo (20 casos em 21); o contrário ocorre apenas

numa ocasião (variante 155).

135. soube ser **essa** vossa vontade, a qual me mostrastes mui uerdadeira, nas quaes, e nas contenddas que tiuemos eu, e Mulei Mahamet sempre me seguistes, e ajudastes (L₁, fl. 171v)
soube ser **esta** vossa vontade, a qual me mostrastes ser muy verdadeyra nas contenddas, que tivemos eu, e Muley Mahamet, nas quaes sempre me segurastes, e ajudastes (E, fl. 23v)
136. recebendo isso por afronta se lhe agravaraõ muito **disso** (L₁, fl. 177v)
recebendo isso por afronta se lhe aggravarão muyto **disto** (E, fl. 29r)
137. e querendo lhe **nisso** fazer demasiado favor (L₁, fl. 184r)
e querendo lhe **nisto** fazer desmaziado favor (E, fl. 35r)
138. guarda que se **nisso** punha (L₁, fl. 188r)
guarda, que se **nisto** punha (E, fl. 39r)
139. posto que **nessa** parte tinha consigo tomado resolução (L₁, fl. 198v)
posto que **nesta** parte tinha comsigo tomado resolução (E, fl. 49r)
140. mandou alem **disso** (L₁, fl. 202v)
mandou alem **disto** (E, fl. 52v)
141. e por **essa** rezam (L₁, fl. 203r)
e por **esta** razaõ (E, fl. 53r)
142. se rodeariam perto de tres, **nesse** dia, e no passado (L₁, fl. 205v)
se rodeariaõ perto de trez, **neste** dia, e no passado (E, fl. 55v)
143. porque os autores **disso** tambem jaa vacillavam espantados de muitos impedimentos (L₁, fl. 206r)
porque os authores **disto** tambem já vacilavaõ espantados dos muytos impedimentos (E, fl. 56r)
144. e depois **disso** (L₁, fl. 208r)
e depois **disto** (E, fl. 57v)
145. porque **nessas** mesmas ha outros justissimos juizos (L₁, fl. 212r)
porque **nestas** mesmas já outros justissimos juizos (E, fl. 61v)
146. alem **disso** (L₁, fl. 213v)
alem **disto** (E, fl. 63r)
147. sem os grandes serem **nisso** muito diferenciados da gente plebea (L₁, fl. 217r)
sem os grandes serem **nisto** muyto differençados da gente plebea (E, fl. 66r)
148. defendendo a retaguarda, fazendo **nisso** mui notavel seruiço (L₁, fl. 227v)
defendendo a trazeyra fazendo **nisto** muy notavel serviço (E, fl. 75v)
149. tendo **isso** por materia certissima de gloria (L₁, fl. 233r)
tendo **isto** por materia certissima de gloria (E, fl. 81r)
150. mandando sobre **isso** a elle o Alcaide Albecarim (L₁, fl. 234r)
mandando sobre **isto** a elle o Alcayde Albicarim (E, fl. 81v)
151. fazendo **nisso** (L₁, fl. 239v)
fazendo **nisto** (E, fl. 86v)
152. huã voz, que disse duas vezes, retira, retira, E a **esse** tempo se quebrou o escoadram por detras (L₁, fl. 243v)
huã voz, que disse duas vezes: ter, ter. retira, retira, e a **este** tempo se quebrou o esquadrão por detraz (E, fl. 90r)
153. el Rey nam acabava consigo intentar **isso** (L₁, fl. 248r)
El Rey não acabava comsigo de intentar **isto** (E, fl. 94r)
154. fazendo sse **nisso** (L₁, fl. 250v)
fazendo se **nisto** (E, fl. 96v)
155. a causa que el Rey de Portugal publicava fazer **esta** empresa era pello perigo que auia (L₁, fl. 165v)
a cauza, que El Rey de Portugal publicava de fazer **essa** empreza era pelo perigo (E, fls. 18r-v)

FLP 27(1)

As últimas variantes (variantes 156-158) dizem respeito à variação na esfera das

orações condicionais, já abordada acima. Duas ocorrências apresentam variação entre MPS e IMPERF (variantes 156 e 157), enquanto, na última, o MPS encontra-se em variação com o FUT.CONJ na prótase de uma construção condicional (variante 158), assim testemunhando o encolhimento do uso do MPS em contextos ainda não estudados²⁶.

156. todolos guallardoês ouuera por pequenos para o autor de tal façanha porque com elle se lhe **acabaraõ** todolos temores (L₁, fl. 195r)
todos os galardoens houuera por piquenos para o autor de tal façanha; porque com ella se **acabavaõ** todos os temores (E, fl. 45v)
157. que **podiam** ser mais outros tantos (L₁, fl. 197v)
que **poderaõ** ser outros tantos (E, fl. 48r)
158. sem saberem desejar, senam de se ver escapados, cousa que lhe Ja nam sera possivel, se os vos mesmos nam **quiserdes** largar (L₁, fl. 214v)
sem saberem dezejar, senaõ de se verem livres, couza que já lhe não será possivel se os vós mesmos não **quisereis** largar (E, fl. 63v)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procurei descrever brevemente alguns aspetos linguísticos de três dos testemunhos da CXMM, a partir do levantamento das variantes efetuado durante a colação. Alguns dos fenómenos evidenciados pelas variantes foram objeto de estudos aprofundados, que estabeleceram cronologias e características da sua evolução diacrónica. Desta maneira, foi-me possível esboçar uma descrição do estado de língua dos testemunhos, simultaneamente avaliando-os enquanto fontes do pt-Cl e avaliando a atuação do copista de E na sua maior ou menor adesão ao modelo linguístico do seu antígrafo. Em primeiro lugar, a amplitude da variação linguística nestes testemunhos parece-me confirmar a pertinência de utilizar a CXMM enquanto fonte para estudos diacrónicos. Ademais, a existência de variantes sistemáticas em contextos que ainda não foram estudados sugere novos caminhos de análise do pt-Cl.

Em segundo lugar, e quanto à “estratigrafia” dos manuscritos²⁷, as variantes apresentadas indicam que – tal como seria de esperar –, os testemunhos mais antigos (representados pelo ramo σ do estema) conservam um estado de língua mais antigo comparativamente ao testemunho mais recente. De facto, o testemunho eborense inova em quase todos os aspetos observados; as únicas exceções são representadas pelo uso de “algum” em contexto modal e pelo uso de objeto direto preposicionado. A Tabela 1 abaixo, em que os fenómenos característicos da língua tardo-quinhentista são evidenciados em cinza, resume os resultados obtidos.

²⁶ É precisamente esta a razão pela qual optei por apresentar estas variantes na presente secção.

²⁷ Utilizo esta expressão de acordo com a proposta de Javier Rodriguez Molina no seu trabalho de 2018.

Tabela 1 – Distribuição dos fenômenos linguísticos observados nos testemunhos M, L₁ e E

	M	L ₁	E	Total
Adjetivos em “-ol” e “-ês” sem formas específicas no feminino	3		1	4
Ø + poss	16		7	23
“nenhum” [+HUMANO]	1		0	1
“algum” em contextos negativos e modais	0		1	1
Minimizador “al”	1		0	1
Part. Pass. “haver”/“ter” concorda com obj. dir.	1		2	3
MPS em contexto modal	3		1	4
INF.FLEX como complemento de verbos perceptivos	0		2	2
Objeto direto preposicionado	5		22	27

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora estes resultados apontem para uma tendência geral, é preciso lembrar que a análise levou em consideração apenas lições em variação; para obter um quadro mais completo, seria necessário incluir as ocorrências dos mesmos fenômenos linguísticos em lições não variantes. Ainda que com outras finalidades, ensaiei anteriormente um estudo deste tipo para a distribuição, em M, L₁ e E, dos pronomes clíticos – nomeadamente, da variação entre ênclise e próclise em frases finitas e da interpolação de constituintes entre o proclítico e o verbo (Lombardo, 2019). Os resultados então obtidos indicavam que, face a uma camada de atualizações, o testemunho E contém ainda diversas lições características de um estado de língua mais antigo²⁸, reforçando ulteriormente a necessidade de olhar para a língua da CXMM de um ponto de vista global.

Uma última palavra quanto aos castelhanismos. Este conjunto de variantes concorda com os resultados da análise codicológica e histórica expostos anteriormente (Lombardo, 2025), onde se reconduziam tanto o manuscrito madrileno como o lisboeta a uma produção efetuada em ambiente castelhano²⁹. Neste sentido, a preponderância de castelhanismos em M explica-se tendo em conta que a cópia foi efetuada apressadamente: a distração teria permitido ao castelhano revelar-se na superfície linguística das cópias.

²⁸ No que diz respeito à variação entre ênclise e próclise, verifiquei que ambos os ramos da tradição apresentam uma tendência geral para a próclise, embora em E a ênclise seja ligeiramente superior (M: próclise 75%; ênclise 25%. L₁: próclise 75%; ênclise 25%. E: próclise 69%; ênclise 31%). De entre as ocorrências de ênclise em E, três constituem especificamente variantes em relação aos testemunhos do ramo σ, constituindo provas de atualização linguística. Em muitos outros casos, a variação na posição do clítico ocorre no contexto de outras reformulações ao nível da lição. Os dados relativos à interpolação estão em consonância com esta tendência geral, registando-se tanto uma maior ocorrência de realização de interpolação nos testemunhos mais antigos, como a existência de variantes em que o testemunho eborense apagou a interpolação, mudando a ordem dos constituintes frásicos. Todavia, em contraste com estes resultados quantitativos, existem três ocorrências de interpolação no testemunho eborense em variação com a sua ausência nos testemunhos anteriores que constituem vestígios de um estado de língua ainda mais antigo do que o transmitido pelos testemunhos do século XVII, com a interpolação de amplos conjuntos de constituintes entre o clítico e o verbo.

²⁹ Ambiente que tanto pode ser “externo” (no sentido de as cópias terem sido efetuadas em meio hispanófono), “interno” (no sentido de o castelhano ser a língua nativa do copista) ou ambos.

AGRADECIMENTOS

A primeira versão deste estudo foi apresentada no “24º Work(shop) em Gramática & Texto “...Sedia la fremosa” – homenagem à Prof.^a Maria Teresa Brocardo” (27 e 28 de junho de 2024) e incluída, com aprofundamentos, na minha tese de Doutorado (Lombardo, 2025). Agradeço as observações do(a)s revisor(a)s anónimo(a)s que contribuíram para enriquecer e melhorar ulteriormente o trabalho com vista à sua publicação.

Recebido em fevereiro de 2025

Publicado em julho de 2025

REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

AMARAL, P.; HOWE, C. Nominal and verbal plurality in the diachrony of the Portuguese Present Perfect. *In*: LACA, B.; CABREDO-HOFHERR, P. (ed.). **Verbal Plurality and Distributivity**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012. p. 25–53.

BICO, M. I. *et al.* Early experiments on automatic annotation of Portuguese medieval texts. *In*: SILVELLO, G. *et al.* (ed.). **Linking Theory and Practice of Digital Libraries**. TPD L 2022. Lecture Notes in Computer Science. Springer: Cham, 2022, vol. 13541, p. 442-449. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-031-16802-4_44.

BLUTEAU, R. **Vocabulário portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico ...: autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V**. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712–1728. 8 Volumes e 2 Suplementos.

BROCARD, M. T. “Crónica do Conde D. Pedro de Meneses” de Gomes Eanes de Zurara. Edição e estudo. 1994. Tese (Doutorado em Linguística – Linguística Histórica) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994.

BROCARD, M. T. Formas em competição em construções condicionais na diacronia do português. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, v. 5, p. 67–78, 2019. DOI: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a6>.

BROCARD, M. T. O futuro do passado / condicional – elementos para um estudo diacrónico. *In*: BARROS, A.; BROCARD, M. T. (org.). **Estudos sobre o verbo em português: valores, marcas e construções**. João Pessoa: Ideia, 2016, 27-49.

CALDERÓN CAMPOS, M. La edición de corpus lingüísticos en la plataforma TEITOK. El caso de Oralia diacrónica del español (ODE). **CHIMERA: Revista de Corpus de Lenguas Romances y Estudios Lingüísticos**, v. 6, p. 21–36, 2019.

CALDERÓN CAMPOS, M.; GARCÍA-GODOY, M. T. **Oralia Diacrónica del Español (ODE)**. 2019. Disponível em: <http://corpora.ugr.es/ode>. Acesso em: 24

fev. 2025.

CARDEIRA, E. **Entre o Português Antigo e o Português Clássico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CARNEIRO, Z. O. N.; LACERDA, M. F. O. (org.). **Plataforma CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão**. Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 27 abr. 2025.

CARRASCO, J. M. G. A formação dos tempos compostos em português nos séculos XVII e XVIII. **Estudos de Linguística Galega**, v. 12, p. 67–89, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15304/elg.12.5987>.

CASTRO, I. **Introdução à História do Português**. Lisboa: Colibri, 2006.

CASTRO, I. O Português Médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). In: HUB FARIA, I. (ed.). **Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão**. Lisboa: Cosmos/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1999. p. 367–370.

CASTRO, I. Para uma história do Português Clássico. Publicado anteriormente em Congresso Internacional sobre o Português. **Actas**. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1996. p. 135–150. v. II.

DÖHLA, H. J. Diachronic convergence and divergence in differential object marking between Spanish and Portuguese. In: BRAUNMÜLLER, K.; HÖDER, S.; KÜHL, K. (ed.). **Stability and Divergence in Language Contact: Factors and Mechanisms**. Studies in Language Variation 16. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 265–290. DOI: <https://doi.org/10.1075/silv.16.12doh>.

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/texts/psd.zip>. Acesso em: 24 fev. 2025.

JANSSEN, M. NeoTag: a POS tagger for grammatical neologism detection. In: The 8th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2012). **Proceedings**. Istanbul: ELRA, 2012. p. 2118–2124. Disponível em: <https://aclanthology.org/L12-1653/>.

JANSSEN, M. TEITOK: Text-Faithful Annotated Corpora. In: The 10th International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2016). **Proceedings**. Portorož, Slovenia, 2016. p. 4037–4043.

LOMBARDO, E. **A Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d'el-Rey D. Sebastião: edição e estudo**. 2025. Tese (Doutorado em Crítica Textual) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2025.

LOMBARDO, E. Os pronomes clíticos nos testemunhos da **Crónica do Xarife Mulei Mahamet e del Rey D. Sebastião**: um estudo comparativo. **Labor Histórico**, v. 5, n. 1, p. 209–229, 2019.

LOMBARDO, E. *et al.* As Crônicas Históricas Portuguesas Como Fontes Para Estudos da Língua. In: Mini-Enapol de Historiografia Linguística. **Apresentação oral na mesa redonda História da língua e Historiografia da Linguística**. São Paulo,

Universidade de São Paulo, 2013.

LOMBARDO, E.; MOREIRA, F. A. M. **Sebástica Manuscrita: Catálogo e edições de textos historiográficos portugueses dos sécs. XVI – XVII sobre D. Sebastião**. 2019. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/psm/index.php?action=home>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARQUILHAS, R. (dir.). **P.S. Post Scriptum: Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://ps.clul.ul.pt>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARTINS, A. M. **Clíticos na História do Português**. 1994. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

MARTINS, A. M. Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In: Martins, A. M.; Carrilho, E. (ed.). **Manual de Linguística Portuguesa**. Berlim: De Gruyter, 2016. p. 1–39.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600**. 2004. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

RINKE, E. A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português. **Estudos de Lingüística Galega**, v. 2, p. 121–139, 2010.

RODRIGUEZ, J. M. La estratigrafía de los manuscritos medievales castellanos: logros y perspectivas. **Medioevo Romanzo**, v. XLII, n. I, p. 93–127, 2018.

SCHMID, H. **Treetagger**. Stuttgart: Institute for Computational Linguistics of the University of Stuttgart. Disponível em: <https://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SIMÕES, J.; KEWITZ, V.; CASTILHO, A. T. **Corpus mínimo manuscrito do Projeto para a História do Português Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://php.fflch.usp.br/corpus>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOBRAL, C. (dir.). **Corpus de Textos Antigos em Português até 1525**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/teitok/cta/index.php?action=home>. Acesso em: 24 fev. 2025.

VERDELHO, E. Sobre a língua portuguesa do século XVII. Estudos realizados e trabalhos em curso. In: **XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa. Actas [...]. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1996. p. 325–339. v. II.

VIEIRA, D. *et al.* **Grande diccionario portuguez: ou, Thesouro da lingua portugueza**. Porto: E. Chadron e B. H. de Moraes, 1871–1874. 5v.

FLP 27(1)